

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos

Texto 25 – item 5.4 aula 11

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. (org). *Pesquisa participante*. 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 42-62.

1
12 cópias

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO (ORG.)

PESQUISA
PARTICIPANTE

editora brasiliense

neste campo. Além do mais, a Organização Internacional do Trabalho, o Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social e a Comissão sobre a Participação das Igrejas no Desenvolvimento, do Concílio Mundial de Igrejas, também estão trabalhando sobre o problema da participação popular.

O que se entende por *pesquisa participante*? Antes de tudo, não se trata do tipo conservador de pesquisa planejado por Kurt Lewin, ou as propostas respeitadas de reforma social e a campanha contra a pobreza nos anos 60. Refere-se, antes, a uma "*pesquisa da ação voltada para as necessidades básicas do indivíduo*" (Huynh, 1979) *que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios — as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas — levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior, como definida e explicada mais pormenorizadamente adiante neste artigo.*

Neste sentido, podemos distinguir e articular uma voz e um *know-how* até agora reprimidos pela predominância da ciência clássica, cujos avanços hoje nos preocupam e seduzem. De fato, há uma fonte de sabedoria e tradição que, em sua aparente simplicidade, nos oferece as pistas e mesmo as respostas para a crise social atual. Iremos nos referir a essa fonte de sabedoria e tradição como "ciência popular" ou "ciência do homem comum".

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A DISCUSSÃO

A CIÊNCIA REVISITADA

Em primeiro lugar, não deveríamos fazer da ciência um fetiche, como se fosse uma entidade com vida própria, capaz de reger o universo e de determinar a forma e o contexto de nossa sociedade, tanto presente quanto futura. Tenhamos em mente que, longe de ser tão medonho agente, a ciência é apenas um produto cultural do intelecto humano que responde a necessidades coletivas concretas — inclusive

ASPECTOS TEÓRICOS DA PESQUISA PARTICIPANTE:

considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular*

Orlando Fals Borda

INTRODUÇÃO

Este artigo procura enfatizar teoricamente o significado e o papel da ciência na participação popular.

O tema não é novo. Stavenhagen (1971) considerou-o em termos de teoria social e prática social. Huynh (1979) abordou-o em termos de "desenvolvimento endógeno", centrado no homem e na participação popular no desenvolvimento. A própria UNESCO assumiu a liderança

* Tradução de Héitor Ferreira da Costa. Esta é uma versão condensada pelo CCPD do artigo original publicado pelo Setor de Ciências Sociais e suas Aplicações. UNESCO, Paris, 20 de junho de 1980, ref. 3274-ETD-31. Os gritos devem-se ao CCPD.

àquelas considerações artísticas, sobrenaturais e extracientíficas — e também aos objetivos específicos determinados pelas classes sociais dominantes em períodos históricos precisos.

Todos sabem que a ciência é construída pela aplicação de regras, métodos e técnicas sujeitas a certo tipo de racionalidade convencionalmente aceita por uma pequena comunidade constituída de indivíduos chamados cientistas que, por serem humanos, estão, por isso mesmo, sujeitos a motivações, interesses, crenças e superstições, emoções e interpretações de seu desenvolvimento social, cultural e individual.

Conseqüentemente, não pode haver valores absolutos no conhecimento científico porque este irá variar conforme os interesses objetivos das classes envolvidas na formação e na acumulação de conhecimento, ou seja, na sua produção. Nossa finalidade imediata é examinar este processo de produção do conhecimento científico em vez do próprio produto final representado por objetos, artefatos, leis, princípios, fórmulas, teses, paradigmas ou demonstrações.

CIENCIA DOMINANTE E CIENCIA EMERGENTE

Em segundo lugar, dever-se-ia reconhecer que hoje a comunidade ocidental de cientistas especializados tende a monopolizar a definição de ciência e a decidir o que é e o que não é científico. Além do mais, esta comunidade científica ocidental exerce uma nítida influência sobre a manutenção do *status quo* político e econômico que cerca o sistema industrial e capitalista dominante. Sob essas condições, evidentemente, a produção de conhecimento neste nível acha-se orientada para a preservação e o fortalecimento do sistema.

Para o propósito acima, os cientistas do sistema preferem lidar com objetos, dados e fatos congruentes com os objetivos do sistema capitalista, suprimindo ou eliminando outros objetivos, que, se se tornassem relevantes, ou mesmo se fossem repensados, mostrariam alternativas contraditórias, inconsistências e fraquezas inerentes ao sistema.

Esses dados e objetos incongruentes do sistema apresentaram, como outros, sua própria estrutura cognitiva, e podem possuir uma linguagem sintaxe de expressão próprias. Este problema está sendo estudado em

profundidade pela semiótica contemporânea. Como responde a outros interesses, esse conhecimento incongruente converge para um nível diferente de desenvolvimento e comunicação que identificaremos agora como a ciência ou a cultura "emergente" ou "subversiva".

Isto não significa que este nível reprimido ou emergente seja anti-científico ou que se oponha ao processo de acumulação de conhecimento científico, tecnológico e artístico que vem sendo um processo constante desde o surgimento dos humanos. No entanto, *este nível reconhece uma dimensão antiga e válida da atividade científica e cultural que avançou e continua a avançar para fora dos canais acadêmicos institucionais e governamentais e que, pelo contrário, tem se constituído em um fator ou estímulo construtivo, em criatividade e inovação mesmo dentro das instituições estabelecidas que têm sido desafiadas.* (Nowotny e Rose, 1979.)

O CONCEITO DA CIENCIA POPULAR

Entendemos por ciência popular — ou folclore, conhecimento popular, sabedoria popular — o conhecimento empírico, ou fundado no senso comum, que tem sido uma característica ancestral, cultural e ideológica dos que se acham na base da sociedade. Este conhecimento lhes tem possibilitado criar, trabalhar e interpretar, predominantemente com os recursos naturais diretos oferecidos ao homem.

Este conhecimento, folclore ou sabedoria popular, não é codificado segundo os padrões da forma dominante e, por esta razão, é menosprezado como se não tivesse o direito de articular-se e expressar-se em seus próprios termos. Mas este conhecimento popular também possui sua própria racionalidade e sua própria estrutura de causalidade, isto é, pode-se demonstrar que tem mérito e validade científica *per se*.

Este folclore muito naturalmente permanece fora da estrutura científica formal constituída pela minoria intelectual do sistema dominante, por representar uma infração a suas regras. Assim, por exemplo, os costumes práticos de um curandeiro camponês são inaceitáveis a um médico. E sua inaceitabilidade provém do fato de que ignoram e ultrapassam os esquemas institucionais do médico.

A CIÊNCIA E O INTERESSE DE CLASSE

Como foi sugerido acima, a ciência é um processo total e consistente que atua em vários níveis e que se expressa por meio de grupos de pessoas que pertencem a diferentes classes sociais. A ciência pode, portanto, acrescentar e subtrair dados e objetos, enfatizar determinados aspectos e negligenciar outros; pode atribuir maior importância a determinados fatores e, finalmente, construir e destruir paradigmas verificáveis de conhecimento.

Em determinadas conjunturas históricas, diversos conjuntos de conhecimentos, dados, fatos e fatores tornam-se articulados de acordo com os interesses de classes sociais que se introduzem na luta pelo poder social, político ou econômico (Kuhn, 1970: 181-187). Portanto, há um aparelho científico construído para defender os interesses da burguesia, e este é hoje o aparelho dominante em nível local e geral nos países ocidentais. Este é também o aparelho que limita o crescimento de outras construções científicas, como as que dizem respeito aos que se encontram na base da sociedade.

O curso da história contemporânea parece trazer uma mudança nesse modelo de submissão de classe. Mas essa revolução não implica necessariamente o abandono de todo conhecimento que possibilitou a dominação burguesa, como se deu anteriormente com a feudal. Pelo contrário, pode-se antecipar que as descobertas tecnológicas realizadas pelos cientistas burgueses podem ser benéficas para as classes proletárias e ajudá-las a fortalecer o seu poder, uma vez este alcançado através da ação política. Portanto, não é imperativo destruir o anterior para se empenhar numa reconstrução de acordo com novos planos científicos revolucionários.

CIÊNCIA E PODER POLÍTICO

Paradoxalmente, o triunfo atual da ciência levou-a a arrancar a máscara de neutralidade — empunhada principalmente pelos acadêmicos — e o disfarce de objetividade com que se pretende impressionar o grande público.

A ciência não pôde escapar entre os artifícios da epistemologia.

Permaneceu antes enredada nas vicissitudes da política tradicional. O conceito de verdade deixa de ser uma qualidade fixa, sendo condicionado por uma função de poder que formaliza e justifica o que é aceitável. E essa aceitação é condicionada a visões concretas da sociedade política e seu desenvolvimento. Por essa razão, ser um cientista hoje significa estar comprometido com alguma coisa que afeta o presente e o futuro da humanidade. Portanto, a substância da ciência é tanto qualitativa quanto cultural; não é apenas uma mera quantificação estatística mas a compreensão de realidades.

O verdadeiro e ativo cientista de hoje coloca-se questões como: "Qual é o tipo de conhecimento que queremos e precisamos?"; "A que se destina o conhecimento científico e quem dele se beneficiará?".

Portanto, este parece ser o momento apropriado para se examinar friamente os fatos e tentar melhor compreender a ciência emergente e a cultura subversiva. Pode ser compulsória uma reordenação da atuação científica a fim de torná-la útil à sociedade como um todo. Com isto em mente, é inevitável levar em consideração as necessidades das grandes maiorias humanas que são vítimas do progresso desequilibrado da própria ciência.

Com relutância, e em virtude da ameaça que acarretam para o sistema dominante, está-se dando hoje grande atenção às necessidades das massas trabalhadoras que sofrem a exploração capitalista. É preciso, pois, aproximar-se das bases da sociedade não apenas com o objetivo de entender sua própria versão de sua ciência prática e expressão cultural, mas também para procurar formas de incorporá-las às necessidades coletivas mais gerais, sem ocasionar a perda de sua identidade e seu teor específico. Iremos nos referir a esse problema e a esse dilema nas páginas seguintes, no contexto da metodologia específica da pesquisa participante e da orientação que ela fornece a seus praticantes.

PRINCÍPIOS GERAIS DA PESQUISA PARTICIPANTE

Começemos examinando as contribuições do conhecimento popular, ou folclore, a ciência do homem comum. Ela é o conhecimento prático, empírico, que ao longo dos séculos tem possibilitado, enquanto meios

naturais diretos, que as pessoas sobrevivam, criem, interpretem, produzam e trabalhem. Gramsci mostrou um caminho quando reivindicou que existe nas classes trabalhadoras uma "filosofia espontânea" contida na linguagem (como um complexo de conhecimentos e conceitos), no senso comum e no sistema de crenças que, embora incoerente e disperso em nível geral, tem valor na articulação das práticas cotidianas (Gramsci, 1976: 69-70).

De fato, basta recordar o quanto esta "filosofia" e cultura popular têm feito pela civilização, desde os produtos agrícolas até as práticas medicinais e as ricas contribuições artísticas. Não é raro encontrar-se pessoas cultas que delas se apropriam e transformam o conhecimento ou a tecnologia e a arte popular, fazendo com que se mostrem como novas descobertas e modismos. É o caso de artigos como o *poncho* de lá nas formações de cavalaria; de danças como a *cumbia* em seletores saões de baile; da arte primitiva na pintura e da narrativa de costumes populares. Muitos importantes inventos mecânicos foram projetados com base na experiência rural, como foi o caso com muitas das invenções de Franklin, McCormack, LeTourneau e os irmãos Wright. As interpretações newtonianas de Kant em sua *Crítica da Razão Pura* trazem a marca dessa racionalidade, que não era senão o senso comum de sua época. Galileu transmitiu em seu *De motu* uma teoria do movimento que era a expressão técnica da opinião comum que existia desde o século XV (Mills, 1969: 111; Feyerabend, 1974: 63, 189).

Dramaturgos como Shakespeare tiveram origem puramente popular, assim como a representação de suas tragédias e comédias. E os filmes de Chaplin ou a música dos Beatles não teriam sido possíveis se não estivessem enraizados no mundo do homem comum. Foucault encontra nesta dimensão popular elementos suficientes para a "história viva" que propõe em sua arqueologia do saber (Foucault, 1970: 22-23). Por outro lado, Lévi-Strauss aborda o mesmo problema, embora com algum preconceito, quando escreve a respeito do "pensamento selvagem". Muitos antropólogos admitem que não há "melhores coletores de dados que os próprios nativos" e que o papel do cientista, nessas circunstâncias, deve se limitar a seu registro e publicação (Radin, 1933: 70-71). De fato, recentes monografias antropológicas refletem essa tendência de representar diretamente a experiência de grupos e indivíduos da base social.

Além disso, pode ser válida a interpretação da história e da sociedade feita pelos camponeses e operários, pois corrige a versão deformada contida em muitos manuais acadêmicos, "de vez que surge das verdadeiras raízes da classe trabalhadora, da memória de seus antigos informantes, de sua própria tradição oral e de seus momentos e documentos familiares". Portanto, a história (e também alguns outros elementos culturais) pode ser "críticamente recuperada" a fim de que possa ser colocada a serviço das lutas e metas do homem comum (Fals Borda, 1978: 235).

SEIS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Aceitando a premissa da ciência ou folclore popular, podemos agora passar a abordar especificamente seis princípios metodológicos da pesquisa participante.

1. Autenticidade e compromisso

No final dos anos 60 e no início dos anos 70, um enxame de ardorosos cientistas saiu das universidades para se "assimiliar" ao homem comum. Em geral, aquele fenômeno particular foi uma demonstração de uma básica falta de respeito pela cultura e filosofia do homem comum.

Eram bem-intencionados mas se enganaram. O que procuravam aqueles intelectuais, na época, consistia em tornarem-se capazes de exibir mãos áspetas e calçadas e pele tostada de sol como prova de terem aprendido a lição de que "o homem comum nunca se engana". Esta foi uma fraude muito convenientemente descoberta pelos ativistas desorientados. Mas desta vez o homem comum não agiu errado, quando destituiu aqueles ativistas de autoridade por causa de sua falta de autenticidade. Foram vítimas de um extremo objetivismo que só poderia ser explicado como pequeno-burguês (Mandel, 1972: 51-61).

A lição foi aprendida: de fato, nas lutas populares há sempre um espaço para os intelectuais, técnicos e cientistas como tais, sem que seja preciso que se disfarcem como camponeses ou operários de origem. Têm apenas que demonstrar honestamente seu compromisso com a

causa popular perseguida por meio da contribuição específica de sua própria disciplina, sem negar completamente essas disciplinas.

2. *Antidogmatismo*

Mesmo assim, esta importante abertura científica e política foi quase sempre desperdiçada por intelectuais pessoalmente comprometidos, quando aplicavam rigidamente em sua pesquisa algumas idéias preestabelecidas ou princípios ideológicos.

A experiência real ensina que não é sequer conveniente aplicar no campo essas idéias preestabelecidas, como em geral tem sido o caso de núcleos de liderança que pertencem a partidos políticos radicais. Este é um comportamento dogmático da pior espécie. Sabe-se, é claro, que o dogmatismo é, por definição, um inimigo do método científico; pode também tornar-se um obstáculo para o avanço na luta popular (Marx; 1971: 109).

Este tipo de crítica é aplicável ao colonialismo intelectual de direita assim como de esquerda, isto é, à tendência a copiar teses e imitar autores de países dominantes sem levar em conta o meio cultural (Função Rosca, 1972: 72). Mas não significa necessariamente que o pesquisador deveria agir contra sua própria organização ou ir contra seus líderes. Pelo contrário, tem sido amplamente reconhecido o papel de mediação dessas organizações políticas entre a teoria e a prática, desde Luckács. Contudo, saber se o trabalho de intelectuais compromissados com grupos de base está ou não politicamente amparado e é cientificamente útil depende da capacidade da própria organização política em os assimilar e respeitá-los, conferindo a todos a autonomia que lhes cabe.

Por essas razões, a procura de uma "ciência proletária" em si tem sido contraprodutiva e inútil no que diz respeito à pesquisa participante. Se o intelectual engajado ou o núcleo de liderança se tornam dogmáticos em seu trabalho, podem estar formando antes uma ciência *para* o povo, como ela sempre foi concebida nos círculos das classes dominantes e transmitida às massas da maneira paternalista tradicional. Não seria um incentivo para se obter ou produzir conhecimento genuíno a partir dos grupos de base, para que eles possam entender melhor os seus problemas e agir em defesa de seus interesses (Fals Borda, 1978:235).

Restituição sistemática

Os pesquisadores participantes precisam partir da noção de que a cultura (ou a tradição) do camponês ou do operário não é conservadora como freqüentemente se supõe, mas é de fato realista e dinâmica.

Há elementos positivos e negativos na cultura e na tradição camponesa, com tendências para a mudança social e abertas às possibilidades de transformação, tanto no conhecimento, quanto na ação. Isto é evidente. Senão, como poderíamos explicar tantas revoltas camponesas que ocorreram na história mundial?

Em muitos casos, tem sido fácil determinar algumas das fontes e canais de alienação que impedem a ação camponesa; isto é, aqueles que surgem da difusão dos valores burgueses. Assim, é possível equilibrar o peso desses valores alienantes por meio de uma restituição enriquecida do conhecimento dos camponeses (especialmente da história local e dos acontecimentos históricos) aos próprios camponeses. Este esforço deveria levá-los a novos níveis de consciência política. Dessa forma, seu senso comum poderia ser transformado de modo a se tornar mais sensível a mudanças radicais na sociedade e aos tipos necessários de ação. Da mesma forma, a voz das bases populares, antes calada ou reprimida, pode assim ser ouvida em nível geral.

Esse retorno da cultura não pode ser feito de qualquer modo: deve ser sistemático e organizado, e sem arrogância intelectual (Mao, 1968: III, 119). Por isso, essa técnica desalienadora que forma novo conhecimento a um nível popular tem sido chamada de "restituição sistemática". A este respeito, podem-se destacar quatro regras específicas:

1. *Comunicação diferencial.* Uma primeira regra dessa técnica é restituir os materiais históricos (e outros) de forma adequada e adaptados de acordo com o nível de desenvolvimento político e educacional dos grupos de base que forneceram a informação, ou com quem o estudo foi realizado. Não deveriam ser devolvidos adaptados apenas ao nível político dos núcleos de liderança que, via de regra, é mais avançado. Por essa razão, os estudos desenvolvidos são publicados primeiramente no que se pode chamar de "Nível 1" de comunicação. Isto, em geral, toma a forma de histórias em quadrinhos, bem ilustradas e simples. Dessa maneira, os grupos populares são os primeiros a se interessar dos resultados da pesquisa. A esses folhetos na forma de histórias

em quadradinhos acrescentam-se elementos como dispositivos audiovisuais, slides, gravações ou *tapes*, música e representações teatrais levadas por grupos locais, e curta-metragens em que os atores sejam pessoas autóctones.

Então, em seguida, os mesmos textos são publicados em um nível mais elevado e de um modo mais completo para os núcleos de liderança ("Nível 2"). Finalmente, os mesmos temas são abordados de uma forma descritiva e teórica mais geral, levando em conta os contextos nacional e regional, destinada aos intelectuais envolvidos ("Nível 3").

Finalmente, nem tudo que for pesquisado poderá ser publicável se o pesquisador engajado levar em conta os objetivos práticos das pessoas envolvidas na ação, como se espera dele conforme os princípios da pesquisa participante. Isto dependerá de necessidades técnicas e do mau uso da informação por parte daqueles identificados pelas pessoas em ação como seus inimigos.

2. *Simplicidade de comunicação.* A segunda regra determina que os resultados dos estudos sejam expressos numa linguagem acessível a todos. Isto exige um novo estilo de apresentação dos materiais científicos e pode levar a alguma experimentação na divulgação de resultados de pesquisa a um público mais amplo (Fals Borda, 1979.)

3. *Auto-investigação e controle.* A terceira regra refere-se ao controle da investigação pelos movimentos ou grupos de base e o estímulo à auto-investigação. Nessas circunstâncias, nenhum intelectual ou pesquisador pode determinar sozinho o que deve ser investigado, mas deve chegar a uma decisão após consultar as bases ou grupos populares interessados. Levam-se em consideração as prioridades e necessidades dos movimentos ou lutas populares e não somente as necessidades dos pesquisadores. Assim, soluciona-se não apenas o problema de "para quem" este estudo é feito, mas também o da incorporação do cientista ao meio em que ele deve atuar. Para essa finalidade têm-se adotado técnicas dialogais e rompido o esquema assimétrico de objeto e sujeito da pesquisa. (Freire, 1970.)

4. *Popularização técnica.* A quarta regra é reconhecer a generalidade das técnicas de pesquisa mais simples e torná-las acessíveis a esses grupos. Desse modo, cursos de metodologia de pesquisa corrente são ministrados aos núcleos de liderança mais avançados, de modo

a capacitá-los a romper com sua dependência frente aos intelectuais e a realizar facilmente sua própria pesquisa.

Quando se faz um exame da aplicação dessas quatro regras em relação com as lutas camponesas e operárias em diversos países, pode-se concluir que o conhecimento da realidade tem sido consideravelmente enriquecido com a *restituição sistemática*. Por exemplo, tem sido possível substituir os heróis da cultura burguesa dominante por heróis que pertenciam à luta popular.

O campesinato tem conseguido equilibrar de algum modo a alienação em que tem vivido como parte de sua tradição e pode manter vivos movimentos que, apesar da contínua repressão, colocam em xeque governos reacionários, em determinados períodos. É então possível ver como, por meio da educação política, o senso comum dos camponeses gradualmente adquire maior perspicácia e adota uma voz própria. Começa a se tornar "bom senso". Dá-se à luz aqui a uma nova tradição a um nível mais elevado de conhecimento, prática e *élan* vital.

4. *Feedback para os intelectuais orgânicos*

É claro que nem todo o processo pedagógico e político reduziu-se a recuperar criticamente a história e restituí-la sistematicamente às bases camponesas e operárias. Também se dá um *feedback* dialético das bases para os intelectuais engajados. Isto é parte importante do processo total da procura e identificação da ciência do homem comum.

A necessidade de *feedback* dialético conduz a uma diferenciação de papéis mutuamente reconhecida. Conduz a implicações práticas do conceito de Gramsci do "intelectual orgânico", tema muito importante para o qual voltamos agora nossa atenção.

Os intelectuais compromissados com a luta popular em diversos países têm tentado formar grupos de consulta *ad hoc*, constituídos de camponeses idóneos, trabalhadores e índios com vasta experiência, com a finalidade de suplantarem os grupos de consulta formados por acadêmicos e professores (a elite dominante). (Fals Borda, 1978: 233.) Embora esses grupos *ad hoc* não tenham conseguido até agora responder totalmente à discussão científica em si, eles contribuíram para aspectos práticos e políticos do trabalho de campo. No momento, entre colaboradores, atinge-se um determinado nível razoável de discussão

científica sobre o que se faz no campo. Neste nível se faz também uma importante articulação teórica: do particular para o geral, e do regional para o nacional, de modo que se pode formar uma visão integrada de todo o conhecimento.

Esta discussão entre colaboradores é enriquecida pela prática no campo, pelo contacto com grupos de base e seus problemas concretos e pelas opiniões e conceitos dos núcleos de liderança, camponeses e operários, dos grupos de consulta *ad hoc*. Tem se dado uma contribuição intelectual decisiva da parte desses núcleos, expressa nas reinvindicações de clareza e precisão na exposição teórica; observações sobre a aplicabilidade da teoria no contexto imediato; descrição vívida e fiel dos processos sociais locais; explicações de estratégias e táticas nas lutas regionais; informações sobre as motivações do comportamento individual e coletivo não perceptíveis pelas pessoas estranhas ao meio; elementos especiais da cultura rural, tais como herbologia e mitos; termos e linguagem utilizados na agricultura, caça e pesca; e princípios técnicos para o uso de instrumentos agrícolas.

Tudo isto é informação direta e válida sobre um *know-how* que tem enriquecido as análises subsequentes realizadas a um nível científico mais geral, pela comunidade intelectual engajada. Pode haver uma convicção de que a tradição popular — seu conhecimento empírico e prático — pode encontrar um lugar de destaque no desenvolvimento da ciência como um processo humano constante e total, e de que a voz do homem comum, antes calada, pode adquirir uma nova ressonância.

Os agentes deste processo dialético, inclusive os camponeses e operários treinados para uso dessas técnicas, podem ser considerados intelectuais orgânicos. Suas fontes de estímulo e *know-how* são simultaneamente populares, folclóricas e científicas. Também podem ser chamados de "minoría orgânica".

5. Ritmo e equilíbrio de ação-reflexão

Conseqüentemente, uma das principais responsabilidades dos pesquisadores (intelectuais orgânicos) é articular o conhecimento concreto com o conhecimento geral, o regional com o nacional, a formação social com o modo de produção e, vice-versa, observar no campo as

aplicações concretas dos princípios, diretrizes e tarefas. A fim de garantir a eficiência dessa articulação, tem-se adotado um ritmo específico no tempo e no espaço, que vai da ação à reflexão, e da reflexão à ação, em um novo nível de prática. Contudo, este procedimento reconhece a importância de se manter uma sincronização permanente de reflexão e ação no trabalho de campo, como um ato de permanente equilíbrio intelectual.

O conhecimento então se move como uma espiral contínua em que o pesquisador vai das tarefas mais simples para as mais complexas e do conhecido para o desconhecido, em contato permanente com as bases sociais. Das bases, os conhecimentos são recebidos e processados; a formação é sintetizada em primeiro nível; e a reflexão se dá em um nível mais geral e válido. Em seguida, os dados são restituídos às bases de uma forma mais consistente e ordenada; estudam-se as seqüências desta restituição; e assim por diante, indefinidamente, mas de maneira equilibrada, determinada pela própria luta e por suas necessidades.

6. Ciência modesta e técnicas dialógicas

Podem-se resumir em duas idéias as condições mínimas para o desenvolvimento desse ritmo e equilíbrio e para o *feedback* cultural das bases para a minoría orgânica.

1. A de que a tarefa científica pode ser realizada mesmo nas situações mais insatisfatórias e primitivas com o uso dos recursos locais, e de que, na verdade, a modéstia no manuseio do aparelho científico e nas concepções técnicas é a principal maneira de se realizar as tarefas necessárias no nível atual de desenvolvimento na maioria dos locais. Isto não significa que, devido a sua modéstia, este tipo de esforço científico seja de segunda classe ou de que lhe falte ambição.

2. A de que o pesquisador deveria: (a) abandonar a tradicional arrogância do erudito, aprender a ouvir discursos concebidos em diferentes sintaxes culturais, e adotar a humildade dos que realmente querem aprender e descobrir; (b) romper com a assimetria das relações sociais geralmente impostas entre o entrevistador e o entrevistado; e (c) incorporar pessoas das bases sociais como indivíduos ativos e pen-santes nos esforços de pesquisa.

Portanto, a "ciência modesta" e as técnicas dialogais ou de participação constituem referências quase compulsórias para todo esforço que procure estimular a ciência popular, ou para se aprender com a sabedoria e a cultura popular, ampliando este conhecimento até um nível mais geral. Isto é do que trata a pesquisa participante, com o apoio necessário das ciências emergentes e subversivas.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COLOMBIANAS

Baseados nos princípios articulados acima, o autor apresenta três exemplos concretos de pesquisa participante em que esteve pessoalmente envolvido. (Por motivos de espaço, apenas dois casos serão apresentados aqui.)

A CAMPANHA CONTRA AS PROPRIEDADES ILEGAIS DO ARCEBISPO

Durante o século XIX, o governo colombiano impôs uma política de distribuir reservas com direitos e títulos de posse, sem delimitação de partes por herdeiros, entre seus ocupantes indígenas. Na prática, este gesto permitiu que não índios obtivessem essa terra, como aconteceu em diversas partes do país. Mas na província sulina de Cauca muitos descendentes das tribos de Paéz e Guambiano combateram com êxito esta política até o século XX, quando ocorreu uma intervenção religiosa.

Uma das reservas localizadas não muito distantes de Popayan (a capital da província) incomodava o arcebispo local que precisava de espaço para construir um seminário. Após fazer acordos — ilegalmente — com o conselho indígena (*cabildo*) separou-se um lote de terra da melhor parte da reserva, onde a nova construção foi erguida. Mais tarde, lotes adjacentes foram acrescentados ao original, de modo que, após umas poucas décadas, quase toda a reserva foi tragada pela arquiocese. A alienação resultante foi tamanha que a comunidade quase esqueceu como se fizera a aquisição ilegal.

Quando a pressão pela terra tornou-se aguda nos anos 70, os líderes indígenas locais organizaram-se pela primeira vez num conselho de defesa coletiva chamado CRIC (Consejo Regional Indígena del

Cauca), que ainda é atuante na região e em outras partes da Colômbia. Tendo criado ligações com cientistas sociais engajados, o CRIC começou a examinar a questão desta reserva específica assim como de muitas outras que foram perdidas para poderosas famílias de Cauca.

Inicialmente foram empregadas técnicas de entrevista com informantes velhos e isto levou os pesquisadores aos tabeliões em Popayan, onde estão guardados documentos e escrituras. Após uma intensa procura, foram apresentados documentos legais pertinentes e registrados com as técnicas paleográficas tradicionais, demonstrando a ilegalidade da propriedade arquiocesana na dita reserva. Isto pode ser visto como uma recuperação crítica de uma porção da história local que fora ocultada e ignorada pelos historiadores acadêmicos, mas que pôde então ser retomada pelos próprios atores históricos da comunidade local.

Armados com esta informação histórica por meio da restituição sistemática já descrita, o CRIC organizou uma campanha para reaver a terra perdida. O arcebispo, apoiado pelo resto dos grandes proprietários de Popayan (que naturalmente também se sentiam ameaçados), resistiu com a polícia e tropas de exército. Em decorrência da violência, foram mortos alguns líderes indígenas. A situação logo ganhou atenção nacional e internacional quando os líderes do CRIC enviaram um telegrama ao papa Paulo VI queixando-se do arcebispo e enfatizando a justiça de sua causa, tudo em conformidade com a bula papal então recentemente promulgada, *Populorum Progressio*. O papa interveio através de seu núncio em Bogotá. O arcebispo de Popayan teve de ceder e finalmente abriu mão da terra e das construções. Foi uma grave derrota para os interesses latifundiários na área e os proprietários logo reivindicaram com maior violência. Os índios não devolveram a terra. Eles ainda estão lá apesar do terror e da morte cada vez maior que lhes trouxe o Exército colombiano a serviço da aristocracia local.

PROGRESSOS NO FRONT CULTURAL

As organizações políticas na Colômbia relegaram por décadas a cultura popular e o conhecimento do homem comum a um segundo plano em seus programas. Esses elementos eram vistos como fatores de alienação e desorientação política entre as massas.

No entanto, à medida que avançava a luta pela terra, muitos militantes com talentos artísticos começaram a contribuir à sua maneira, com resultados construtivos imprevistos, a mobilizar pessoas. Isto exigiu uma rápida apreciação do ponto de vista dos pesquisadores que, após examinarem as circunstâncias locais, concluíram que uma transformação da música e das canções populares locais — o *vallenato* — tinha um forte potencial de protesto. O homem comum não apenas dançava ao ritmo dessa música mas também participava de audições em que as letras das canções eram de decisiva importância.

Um grupo de músicos de protesto surgiu rapidamente do meio camponês, armados com acordeões, tambores e chocalhos. Começaram a criar suas próprias canções baseados na luta pela terra, com resultados extremamente bons. Uma dessas canções de protesto ("El indio sinuano") foi gravada em um estúdio na cidade e tornou-se um sucesso nacional em 1974. Uma outra, também um sucesso, foi proibida pela polícia (os mesmos oficiais que costumavam destruir os folhetos sobre Juana Julia, quando conseguiam encontrá-los).

Mas o impacto político que este trabalho exerceu sobre o *front* cultural foi mais importante: as concentrações de massa tornaram-se mais vivas e contavam com maior participação, e as pessoas cantavam as mensagens das canções em toda parte, alcançando um efeito multiplicador de conscientização. Um dos melhores acordeonistas de protesto tornou-se tão popular que foi encorajado a unir seu talento artístico a uma florescente carreira política no movimento camponês. No fim, de um simples projeto de pesquisa, deu-se maior reconhecimento aos aspectos culturais da ação política.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O que deve ser então inicialmente extraído dessas considerações? Vimos a necessidade de se manter uma postura crítica com relação à ciência clássica e as conceituações correntes do que é a ciência, do que fazem os cientistas, e o que são seus compromissos éticos, caso quisermos melhor entender a natureza dos processos de desenvolvimento hoje, principalmente em países do Terceiro Mundo. Além disso, afirmamos a necessidade de se descobrir a estrutura científica intrínseca do conhe-

cimento popular, das regras do *know-how* popular e do senso comum enquanto elementos para alcançar as metas de uma sociedade melhor e um mundo mais justo. Esboçou-se uma metodologia consequente de participação na pesquisa pelo e com o homem comum, apresentando vários princípios e regras de orientação deduzidas da experiência real no campo.

A necessidade de continuar a experimentar e aprender ao longo dessas direções emergentes é uma conclusão óbvia. Não parece que está se formando um novo paradigma científico para substituir qualquer um já existente, através da pesquisa participante. No entanto, podemos nos aproximar de um tipo de brecha metodológica se os pesquisadores engajados seguirem os efeitos dinâmicos do rompimento da díade sujeito-objeto que esta metodologia exige como uma de suas características básicas. São muito evidentes as potencialidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa de uma relação mais proveitosa sujeito-sujeito, isto é, uma completa integração e participação dos que sofrem a experiência da pesquisa. Nada senão novas intuições podem surgir desse curso. Isto é igualmente importante como uma postura prática, na medida que as políticas de participação tornam-se mais sensíveis às necessidades reais das bases sociais e rompem com as relações verticais e paternalistas tradicionais.

Mais especificamente, são propostas duas áreas para futura investigação:

A PROCURA DE DIMENSÕES SÓCIO-POLÍTICAS: OS VALORES ESSENCIAIS DAS PESSOAS

Os valores essenciais podem ser comparados à seiva de uma árvore ou à semente de uma fruta. Os valores essenciais são arraigados na visão de mundo ou na filosofia de vida. Surgem de crença no sobrenatural e no extracientífico. As guerras no passado foram travadas em seu interesse. Mitos foram criados ou destruídos com eles. Ideologias, utopias e movimentos sociais surgiram ou desapareceram com eles. Esses valores fizeram do homem o que ele é e deram à história seu sentido e direção teleológicas.

Portanto, a racionalidade dos valores essenciais pareceria irracional

se lhe aplicássemos os critérios cartesianos que foram inculcados nas universidades e academias, sobre os quais se construiu a idéia dominante e contemporânea de Ciência. Mas de fato tratamos aqui de uma construção racional diversa, que possui linguagem e sintaxe próprias. A fim de alcançar e compreender os valores desta natureza racional popular, é necessário superar os obstáculos cognitivos dominantes e adotar atitudes originadas da essência das experiências de vida (*vivências*). Estas atitudes deveriam ser tão extracientíficas quanto as que pertencem aos grupos populares. E os ativistas deveriam procurar diminuir duas ou mais linguagens científicas ou diferentes níveis de comunicação simultaneamente para realizar os seus objetivos.

MINORIAS ORGANICAS E UNIVERSIDADES EM DIASPORA

Dissemos que os principais desafios neste campo surgem do intercâmbio direto teoria-e-prática com as massas. Esses desafios originam-se da urgência de se ter uma ciência do homem crítica e integrada que seja tanto modesta quanto realista. Esses desafios não provêm de um diálogo fechado entre membros de uma elite científica sofisticada que usa vendas profissionais e filosóficas, e que é "sábia" o bastante para determinar até o sexo dos anjos.

A potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos.

Poderia ser válido visualizar novos tipos de laboratórios populares hoje, dispersos pelas cidades e no campo, em fábricas e fazendas, estimulados por seus próprios problemas, com a finalidade de formar técnicos de nível intermediário que fossem orgânicos com as classes trabalhadoras e suas organizações?

Podemos conceber as universidades em diáspora de modo que possam ser julgadas e consideradas mais com relação a seus efeitos sociais abrangentes sobre a sociedade do que quanto a seus meios físicos?

Podemos articular o conhecimento teórico e a práxis numa base permanente?

Poderia haver muitas vantagens num plano educacional como esse. As falsas divisões estabelecidas entre as ciências humanas deveriam desaparecer (os bem conhecidos departamentos, as especializações estritas e as academias). Sabe-se que os problemas sociais contemporâneos mais importantes — como a pobreza, a fome, a destruição ecológica, a exploração e a violência — exigem, para explicação e solução, níveis complexos de análise que ultrapassem qualquer área especializada. Nessas condições, surgiriam novos campos de ação técnica e científica ligados às prementes necessidades comunitárias; deixariam de ser condicionados a servir aos interesses de uma burguesia avarenta e excessivamente rica. E então surgiriam organizações, parâmetros e ações que seriam mais democráticas, participantes e pluralistas, de modo que seriam sepultadas a ditadura de organismos dogmáticos e a ameaça de grupos facistas.

Dessa forma, poderíamos ver mais claramente como o homem comum poderia articular a sua própria ciência e os seus conhecimentos como um recurso vital para a defesa de sua identidade, para a proteção de seus interesses e para a preservação de valores essenciais, como sinais de progresso no desenvolvimento social geral. Seria uma ciência então elevada ao nível da sabedoria.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Bettelheim, Charles. *Les luites de classes en URSS*. Seuil/Maspero, Paris, 1977.
- Blumer, Giovanni. *La Revolution Cultural china*. Ediciones Peninsula, Barcelona, 1972.
- Deutscher, Isaac. *Trotsky, el profeta desarmado*. Ediciones ERA, México, 1968.
- Fals Borda, Orlando. *Por la praxis: el problema de como investigar la realidad para transformarla*. Simposio Internacional de Cartagena, vol. I, pp. 209-249, 1978.
- Fals Borda, Orlando. *The Problem of Investigating Reality in order to Transform it*. *Dialectical Anthropology*, Spring, 1979.
- Fals Borda, Orlando. *Moinpox y Loba: Historia doble de la Costa*. Vol. I. Carlos Valencia Editores, Bogotá, 1979.
- Feyerabend, P. *Contra el metodo (Against Method)*. Ediciones Peninsula, Barcelona, 1974.
- Foucault, Michel. *La arqueología del saber*. Ediciones Siglo XXI, México, 1979.

- Freire, Paulo. *Pedagogia del oprimido* (Pedagogy of the Oppressed). Ediciones América Latina, Bogotá, 1970.
- Fundacion Rosca. *Causa popular, ciencia popular*. Ediciones Rosca, Bogotá, 1972.
- Gramsci, Antonio. *La formacion de los intelectuales (De Cuadernos de la Carcel)*. Ediciones América Latina, Bogotá, 1976.
- Huynh, Cao Tri. *Le concept du développement endogène et centré sur l'homme*. UNESCO, SS-79. Conf. 601/3, Paris, 1979.
- Kuhn, T.H. *The Structure of Scientific Revolutions*. Macmillan, Chicago, 1970.
- Lewis, George L. *The Sociology of Popular Culture*. Current Sociology, Vol. 26, N° 3 (Winter), 1978.
- Mandel, Ernest. *La formation de la persée économique de Marx*. Maspero, Paris, 1972.
- Mao Tse-tung. *Obras completas*. Ediciones en Lenguas Extranjeras. Pekin, 1968.
- Marx, Karl. *La miseria de la filosofia*. Ediciones Siglo XXI, Buenos Aires, 1971.
- Mills, C. Wright. *De hombres sociales y movimientos políticos*. Ediciones Siglo XXI, México, 1969.
- Nowotny, Helga e Hilary Rose (eds.). *Counter-Movements in the Sciences*. D. Reidel Publishing Co., Dordrecht (Holland), 1979.
- Radin, Paul. *Method and Theory of Ethnology*. McGraw-Hill, New York, 1953.
- Simposio Internacional de Cartagena, Critica y politica en ciencias sociales*. Editorial Punta de Lanza, Bogotá, 1978.
- Stavenhagen, Rodolfo. *Decolonializing Applied Social Sciences*. Human Organization, Vol.: 30, N° 4, 1971.
- Wheelwright, E.L. and Bruce McFarlane. *Desarrollo y revolucion cultural en China*. Editorial Nuestro Tiempo, México, 1972.